

CONTINUIDADES E RUPTURAS: RELENDO UM TEXTO FUNDAMENTAL SOBRE CIBERJORNALISMO * **

Continuities and ruptures: reviewing a fundamental text on cyberjournalism

Continuidades y rupturas: relejendo un texto fundamental sobre ciberperiodismo

Marcelo Träsel

Jornalista, doutor em Comunicação Social (PUCRS), professor da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Coordenador do Grupo de Pesquisa em Jornalismo Digital (JorDi/CNPq). Integrante da Rede de Pesquisa Aplicada em Jornalismo e Tecnologias Digitais (JorTec).

E-mail: marcelo.trasel@ufrgs.br

Resumo

Este artigo, de abordagem ensaística, discute o texto *Ruptura, continuidade e potencialização no jornalismo online: o lugar da memória* (Palacios, 2003). A partir da proposta original daquele texto e com mais de uma década de distanciamento, se busca revisar as ideias apresentadas na época. A seguir, este artigo propõe uma atualização das características do ciberjornalismo propostas no trabalho original de Palacios e elenca alguns argumentos em favor da identificação de mais uma ruptura, além da característica da memória, entre o jornalismo em impressos, rádio ou televisão e o ciberjornalismo: a interatividade. Jornalismo digital.

Palavras-chave: Jornalismo digital. Jornalismo on-line. G-JOL. Teoria do Jornalismo

Abstract

This essay discusses the text *Rupture, continuity and potentiation in online journalism: the place of memory* (Palacios, 2003). From the original proposal of that text and with more than a decade of distance, it seeks to review the ideas presented at the time. Next, this paper offers an update on the characteristics of cyberjournalism proposed in Palacios' original work and lists some arguments in favor of identifying another rupture, beyond the Digital characteristic of memory, between journalism in print, radio or television and cyberjournalism: interactivity. journalism. Online journalism. G-JOL. Journalism theory.

Keywords: Digital Journalism. Online journalism. G-JOL. Journalism Theory.

Resumen

Este artículo, de enfoque ensayístico, trata del texto *Ruptura, continuidad y potenciación en el periodismo en línea: el lugar de la memoria* (Palacios, 2003). A partir de la propuesta original de ese texto y con más de una década de distancia, busca revisar las ideas presentadas en su tiempo. A continuación, este artículo propone una actualización de las características del ciberperiodismo propuestas en la obra original de Palacios y enumera algunos argumentos a favor de identificar otra ruptura, más allá de la característica de la memoria, entre el periodismo en prensa, radio o televisión y el ciberperiodismo: la interactividad.

Palabras clave: Periodismo digital. Periodismo em línea. G-JOL. Teoría del periodismo..

* Uma versão preliminar deste artigo foi apresentada no 8º Congresso Internacional de Ciberjornalismo, realizado na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, entre 27 e 29 de setembro de 2017. ** O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

❖ Artigo recebido em 30 de novembro de 2019 e aceito para publicação em 10 de abril de 2020.

Introdução

O artigo *Ruptura, continuidade e potencialização no jornalismo online: o lugar da memória*, publicado em 2003 pelo pesquisador Marcos Palacios (Machado e Palacios, 2003), membro fundador do Grupo de Pesquisa em Jornalismo On-line (G-JOL)¹ da Universidade Federal da Bahia (UFBA), pode ser considerado um dos textos sobre o tema que mais exerceu influência, em língua portuguesa, durante a primeira década do atual milênio. Conforme dados do Google Acadêmico², o artigo obteve 278 citações desde então – a título de comparação, segundo a mesma ferramenta, Machado (2003) conta com 286 citações, Canavilhas (2003), com 232, e Deuze e Bardoel (2001), com 546³. Desde 1999, Palacios orientou 19 teses de doutorado e 39 dissertações de mestrado⁴. Em 2008, recebeu o Prêmio Adelmo Genro Filho, na categoria pesquisador sênior, concedido pela Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor)⁵. Pode-se argumentar, portanto, que Marcos Palacios é um dos mais influentes pensadores do ciberjornalismo em língua portuguesa e que o artigo em questão é um de seus trabalhos mais relevantes.

Aqui se propõe um resgate desse texto fundamental para os estudos em ciberjornalismo, buscando identificar aquelas ideias que permanecem atuais e atualizar aquelas defasadas pelo desenvolvimento de novas tecnologias ou novas práticas de comunicação no período. Acima de tudo, este artigo se pretende uma homenagem ao pesquisador Marcos Palacios, cujo trabalho influenciou e segue influenciando seu autor, e não uma resposta – que ademais seria, com a vantagem de uma distância de 15 anos desde a proposição original das ideias pelo pensador, injusta. Conta-se com a compreensão do leitor se, em alguns momentos, a redação derivar para um caráter ensaístico,

¹ <http://gjol.net>.

² Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?cluster=15203145120052476361&hl=pt-BR&as_sdt=0,5. Acesso: 29/11/2019.

pois não se trata aqui de realizar uma análise sistemática, mas uma apreciação embasada no percurso de pesquisa e docência do próprio autor.

1. Relendo Palacios

Ruptura, continuidade e potencialização no jornalismo online: o lugar da memória se propõe a “compreender os modos de articulação e transformação das características dos múltiplos suportes existentes, dentre os quais o online, confrontando-os com as práticas que efetivamente têm lugar no cenário da produção jornalística contemporânea” (Palacios, 2003, p.15), tomando como objeto de análise principal a memória, seus usos e implicações para o ciberjornalismo. Ao final, propõe uma discussão sobre até que ponto a memória e outras características salientes do ciberjornalismo (hipertextualidade, multimídia/convergência, customização/personalização, instantaneidade/atualização contínua, interatividade) se apresentam como rupturas ou continuidades em relação aos formatos e suportes anteriores, de modo a contrabalançar os discursos simplistas ou festivos a respeito da superação de modelos antigos pelas tecnologias de comunicação em redes digitais todos-todos.

Palacios não realiza uma discussão aprofundada dos conceitos de ruptura, continuidade ou potencialização em seu texto. Sua compreensão a respeito está resumida no trecho abaixo:

Entendido o movimento de constituição de novos formatos mediáticos não como um processo evolucionário linear de superação de suportes anteriores por suportes novos, mas como uma articulação complexa e dinâmica de diversos formatos jornalísticos, em diversos suportes, “em convivência” (e complementação) no espaço mediático, as características do Jornalismo na Web aparecem, majoritariamente, como

³ Não se trata aqui de realizar uma pesquisa bibliométrica, mas de posicionar o objeto de análise no contexto dos estudos de jornalismo lusófonos. Daí a opção pelo uso de dados anedóticos neste trecho.

⁴ Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/0321221958931370>. Acesso: 29/11/2019.

⁵ Disponível em: <http://sbpjour.org.br/sbpjour/premio-agf/>. Acesso: 29/11/2019.

Continuidades e Potencializações e não, necessariamente, como Rupturas com relação ao jornalismo praticado em suportes anteriores. Com efeito, é possível argumentar-se que as características elencadas anteriormente como constituintes do Jornalismo na Web podem, de uma forma ou de outra, ser encontradas em suportes jornalísticos anteriores, como o impresso, o rádio, a TV, o CD-Rom. (Palacios, 2003, p.22)

A compreensão do processo de desenvolvimento do ciberjornalismo não como superação, mas como incremental e complementar ao jornalismo impresso, radiojornalismo e telejornalismo é embasada principalmente em Wolton (2012), para quem a principal diferença entre os suportes tradicionais e o jornalismo em redes digitais seria a oposição entre uma lógica de oferta, típica da radiodifusão, e uma lógica da demanda, típica da Internet. Por outro lado, na mesma seção, Palacios critica a previsão de Lévy (1999) de que a comunicação todos-todos poderia levar a necessidade de mediação da informação a se tornar obsoleta no futuro e, com ela, os jornalistas. Noutras palavras, nem os suportes, nem as funções sociais tradicionais do jornalismo seriam superados no ciberespaço.

As noções de ruptura e continuidade são de uso comum em ciências como História, Filosofia e Sociologia, esta última a área de formação original de Palacios. Assim, se pode supor que, ao usar estes conceitos, o autor estaria se referindo a pensadores como Bachelard (1996) e sua abordagem psicanalítica sobre a epistemologia, que influenciou Althusser e Pêcheux, por exemplo (Karczmarczyk, 2013); ou a Foucault, para quem:

Em suma, a história do pensamento, dos conhecimentos, da filosofia, da literatura, parece multiplicar as rupturas e buscar toda as perturbações da continuidade, enquanto a história propriamente dita, a história pura e simplesmente, parece apagar, em benefício das estruturas fixas, a irrupção dos acontecimentos. (Foucault, 2008, p.6)

Palacios pretendia com seu artigo, aparentemente, alertar aos colegas e alunos sobre este risco de se deixar fascinar pelas rupturas e ignorar as continuidades entre o ciberjornalismo e seus precursores no rádio, TV, jornal e revista.

Para Barbosa (2013), essa perspectiva apresenta paralelos com o conceito de remediação (Bolter e Grusin, 2000), o qual estava sendo desenvolvido concomitantemente ao debate proposto por Palacios e, embora não tenha sido incluído em seu artigo, se tornou comum no Brasil na década de 2010 para dar conta das mesmas questões. O conceito prevê que as mídias “antigas” não são substituídas pelas mídias “novas”, mas aquelas têm algumas de suas características e peculiaridades apropriadas por estas. Cada época tem sua mídia predominante e a passagem de uma a outra seria, em certo sentido, incremental: “O surgimento de todo novo meio é justificado porque ele preenche a lacuna ou repara a falha do seu antecessor, pois ele cumpre a promessa quebrada de uma velha mídia” (Bolter e Grusin, 2000, p. 60). Ao mesmo tempo, os meios anteriores buscam se apropriar ou simular características de seus sucessores, como no caso dos jornais impressos que, a partir do surgimento da Web, passaram a veicular hyperlinks para materiais complementares às notícias, ou, mais recentemente, códigos QR, na tentativa de incorporar algum grau de hipertextualidade. Podemos afirmar que o conceito de remediação vai ao encontro da perspectiva de Palacios, na medida em que as rupturas seriam raras e logo compensadas por um circuito de apropriação recorrente entre as diferentes mídias.

A seguir, Palacios oferece alguns exemplos de continuidades, rupturas e potencializações. A multimídia, por exemplo, seria uma continuidade e potencialização da combinação entre imagem, som e texto já presente nos telejornais. A melhor descrição de uma continuidade potencializada, porém, se encontra num texto posterior, o qual discute a relação entre ficção hipertextual e ciberjornalismo:

O que é uma chamada de primeira página senão um processo de linkagem para um texto localizado em outro(s) arquivo(s)? O leitor do jornal impresso já estava acostumado a ler

hipertextualmente muito antes da existência do hipertexto. Ninguém lê um jornal como se lê um romance, da primeira à última linha. Embutida na própria lógica do jornal enquanto dispositivo há uma hipertextualidade pré-digital. O jornal impresso não é concebido e construído para ser lido linha por linha, da primeira à última página. Igualmente e coerentemente, a forma de consumo do produto jornalístico revela um comportamento hipertextual por parte do leitor, que pula das manchetes e chamadas da primeira página para a seção em que tem maior interesse, vai, volta, lê em diagonal, fica apenas no nível do lead de uma notícia, lê outra até o fim, olha uma foto e passa os olhos por uma legenda, descarta todo um suplemento pelo qual não se interessa, reserva para leitura posterior ou “arquivamento” uma página com um texto mais longo etc.. Em alguns casos, um jornal totalmente desconjuntado e espalhado pelo chão é uma evidência palpável de tais comportamentos “hipertextuais” de leitura. (Palacios, 2005, p.11)

Quanto às rupturas, o pesquisador vê como a principal delas a dissolução das restrições espaço-temporais para a circulação de material noticioso (Palacios, 2003, p.23-24). Ao contrário de suportes concretos como o papel, no qual os custos de produção aumentam em relação direta com a ampliação do conteúdo e é necessário permanecer dentro dos limites da manuseabilidade ou conveniência – um jornal com o mesmo volume de papel de uma enciclopédia tornaria a impressão e distribuição inviáveis num ciclo de 24 horas –, no ciberespaço é possível acomodar uma quantidade virtualmente infinita de palavras, sons e imagens.

Uma segunda ruptura seria a produção de “novos efeitos” no ciberjornalismo através da combinação entre diferentes características potencializadas pelas tecnologias digitais e redes de computadores. O exemplo usado pelo professor para ilustrar estes novos efeitos é a característica por ele denominada Memória: “Sem limitações de espaço, numa situação de extrema rapidez de acesso e alimentação (Instantaneidade e Interatividade) e de grande flexibilidade combinatória (Hipertextualidade), o Jornalismo tem na Web a sua primeira forma de

Memória Múltipla, Instantânea e Cumulativa” (Palacios, 2003, p.25). Por um lado, jornalistas podem publicar no ciberespaço todo o material produzido pela redação e agências de notícias a cada jornada, bem como usar os recursos hipertextuais para reaproveitar material publicado anteriormente – inclusive material publicado originalmente noutros suportes, que pode ser digitalizado e armazenado. Por outro, toda a Web se torna um arquivo ao qual é possível recorrer, vinculando às próprias notícias conteúdo produzido por outros indivíduos e organizações.

É inevitável concluir-se que na Web, a conjugação de Memória com Instantaneidade, Hipertextualidade e Interatividade, bem como a inexistência de limitações de armazenamento de informação, potencializam de tal forma a Memória que é legítimo afirmar-se que temos nessa combinação de características e circunstâncias uma Ruptura com relação aos suportes mediáticos anteriores. (Palacios, 2003, p.28)

Na última seção, o artigo apresenta dados de uma pesquisa realizada pelo G-JOL a respeito do uso de arquivos on-line por parte de ciberjornais brasileiros e portugueses, concluindo que, embora a maioria ofereça este tipo de recurso, na época ainda se estava distante da aplicação de todo potencial da Memória nos veículos observados.

2. As características do ciberjornalismo

Ruptura, continuidade e potencialização no jornalismo online: o lugar da memória apresenta dois elementos de interesse principal ao leitor: o alerta quanto à necessidade de enxergar as continuidades entre o “jornalismo on-line” e os formatos tradicionais, sem recair na tecnofilia acrítica, típica da cibercultura (Rüdiger, 2011), e a descrição das seis características do ciberjornalismo propostas por Palacios. Essa lista, em especial, se mostrou canônica na década

seguinte⁶, enquanto o alerta, lamentavelmente, não foi levado em conta por todos os seus leitores.

Partindo das quatro características propostas por Bardoel e Deuze (2001) – Interatividade, Customização de Conteúdo, Hipertextualidade e Multimídia –, Palacios adiciona a Memória e a Instantaneidade/Atualização Contínua. Abaixo, parafraseadas, estão as descrições oferecidas pelo autor:

a) *Multimídia/Convergência*: Refere-se à convergência dos formatos das mídias tradicionais (imagem, texto e som) na narração do fato jornalístico.

b) *Interatividade*: A notícia online possui a capacidade de fazer com que o leitor/usuário sinta-se mais diretamente parte do processo jornalístico pela troca de e-mails entre leitores e jornalistas, através da disponibilização da opinião dos leitores, fóruns de discussões, chats, entre outros; há também a interatividade constitutiva do próprio hipertexto.

c) *Hipertextualidade*: Possibilita a interconexão de textos através de links.

d) *Customização do Conteúdo/Personalização*: Consiste na opção oferecida ao Usuário para configurar os produtos jornalísticos de acordo com os seus interesses individuais.

e) *Memória*: Acumulação de informações diretamente disponível ao Usuário e ao Produtor da notícia.

f) *Instantaneidade/Atualização Contínua*: Extrema agilidade de atualização do material nos jornais da Web, possibilitando o acompanhamento contínuo em torno do desenvolvimento dos assuntos jornalísticos de maior interesse.

Com alguns ajustes na nomenclatura, esta lista se manteve a mesma até pelo menos 2014, quando foi publicado o livro *Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença*, organizado por João Canavilhas e no qual o capítulo dedicado à memória é escrito pelo próprio Palacios. Nesta obra, as características são denominadas: hipertextualidade, multimídia, interatividade, memória, instantaneidade e personalização. Surge uma sétima característica, a ubiquidade, um efeito da vulgarização dos smartphones e do acesso à Internet via redes de telefonia e pontos de acesso Wi-Fi disseminados em locais públicos como universidades, restaurantes e transporte coletivo, nos anos seguintes à publicação do artigo de Palacios (2003).

Conforme Silva (2015, p.22), a ubiquidade se configura a partir da articulação entre tecnologias como smartphones e tablets, resultado de avanços na miniaturização e capacidade de processadores; a extensão da cobertura da telefonia móvel ou conexão sem fio à Internet a recônditos cada vez mais ermos da superfície terrestre; a oferta de serviços de sincronização de arquivos entre diferentes dispositivos; e a criação de software específicos para produção e consumo de informação no formato de aplicativos (apps).

No contexto da mídia, ubiquidade implica que qualquer um, em qualquer lugar, tem acesso potencial a uma rede de comunicação interativa em tempo real. Quer dizer que todos podem não apenas acessar notícias e entretenimento, mas participar e fornecer sua própria contribuição com conteúdos para compartilhamento e distribuição global. Além disso, o conteúdo noticioso emana de uma variedade de fontes cada vez mais ubíquas, incluindo câmeras

⁶ Ver, por exemplo, Canavilhas (2014)

de segurança ou vigilância bem como sensores de muitos tipos e formatos, frequentemente ligados à internet. (Pavlik, 2014, p.160)

Neste contexto, se torna factível contar com a possibilidade de que haja alguém registrando eventos em qualquer parte do mundo a qualquer tempo. Por outro lado, os jornalistas devem levar em conta a necessidade de oferecer informação sobre qualquer parte do mundo em tempo real, uma vez que o consumidor não mais acessa as notícias somente a partir de sua casa ou escritório.

O termo convergência, desde a publicação do artigo original, passou a ser adotado para se referir mais a mudanças de ordem organizacional, cultural e econômica pelas quais vem passando a mídia enquanto indústria (Jenkins, 2008) e menos a produtos, formatos ou linguagens específicas relacionadas ao ciberjornalismo. Assim, estudos recentes parecem dar preferência a usar apenas multimídia. Da mesma forma, o termo customização vem sendo abandonado em prol de personalização, em especial porque a diferença entre ambos é de difícil demarcação. Em sua tipologia, por exemplo, Thurman (2011) considera a customização, que exige a participação ativa do leitor, apenas uma das formas possíveis de personalização nos ciberjornais contemporâneos, que oferecem também recursos automatizados de personalização. Finalmente, a instantaneidade perdeu sua contraparte atualização contínua, talvez porque a adoção de redes sociais como Twitter e Facebook para o desempenho do jornalismo tenham tornado a instantaneidade mais saliente do que a possibilidade de atualização contínua do conteúdo e ambos os termos sejam sinônimos -- mesmo Palacios (2003, p.20) não os diferencia em seu texto fundamental.

Ainda em 2012, Palacios propôs, em conjunto com Rodrigo da Cunha, uma nova característica do ciberjornalismo, propiciada pelas telas sensíveis ao toque, acelerômetros, giroscópios e outras funcionalidades hápticas de smartphones e tablets: a taticidade. Os autores oferecem como exemplos de aplicação da taticidade, a vibração para alertar o leitor sobre atualizações do noticiário, ou o aproveitamento de gestos como girar e sacolejar em jogos de cunho jornalístico. Empinotti (2017) também propôs

novas características a partir de funcionalidades dos smartphones e tablets. Esta senda de pesquisa, porém, não foi desenvolvida por seus proponentes, nem por outros pesquisadores, de modo que a taticidade não se mostrou ainda uma característica adotada nos recenseamentos a respeito do ciberjornalismo.

Aproveitando a oportunidade desta releitura, gostaria de apresentar a nomenclatura que venho usando desde cerca de 2014, em sala de aula:

- a) Hipertextualidade
- b) Multimídia
- c) Instantaneidade
- d) Adaptabilidade
- e) Perenidade
- f) Interatividade
- g) Ubiquidade

Além da vantagem estética de todos os nomes manterem a mesma declinação e serem formados por apenas um termo, conferindo

homogeneidade ao conjunto⁷, há razões conceituais para a adoção de adaptabilidade em lugar de personalização e perenidade no lugar de memória.

Em sua proposta de tipologia, Thurman (2011) faz uma divisão entre personalização explícita e implícita. A primeira se refere aos recursos que exigem decisões do leitor, tais como cadastro em boletins por email, ou customizações, como aumento do tamanho da fonte, mudança na cor de fundo e rearranjo de blocos de conteúdo na página inicial. A segunda se refere às respostas automáticas do CMS ao comportamento do leitor, como apresentação de temas preferidos na parte superior da página ou a oferta de diferentes listas de notícias conforme a localização.

Porém, algumas das respostas tornadas possíveis pelos CMS atuais são de ordem coletiva, não pessoal, como as listas de notícias mais lidas, mais comentadas ou mais compartilhadas, as quais são mero subproduto de decisões de diversos leitores, que, além disso, podem não ter consciência do processo ou mesmo se verem contrariados pelos resultados. Da mesma forma, o design responsivo (Zemel, 2012) adotado por cada vez mais ciberjornais não depende de decisões do leitor ou, em boa parte, do produtor do conteúdo, mas das particularidades de cada dispositivo, navegador Web ou sistema operacional.

Assim, adaptabilidade parece um termo mais adequado do que personalização para dar conta dos recursos efetivamente aplicados e das possibilidades abertas aos ciberjornais pelas técnicas e tecnologias mais recentes.

O conceito de memória sofre de desvantagens opostas ao de personalização: abarca práticas sociais e aspectos externos ao ciberjornalismo em si. A memória é o prisma a partir do qual Palacios vem desenvolvendo sua carreira como pesquisador, então é natural que enxergue a capacidade ampliada de registro e arquivamento da Internet primordialmente dessa perspectiva. Todavia, a formação de memória parece ser um efeito do

jornalismo em geral, não uma característica da produção e circulação de material noticioso nas redes digitais:

...o jornalismo é memória em ato, memória enraizada no concreto, no espaço, na imagem, no objeto, atualidade singularizada, presente vivido e transformado em notícia que amanhã será passado relatado. Um passado relatado que, no início, renovava-se a cada dia, e com o advento da rádio, da televisão e da Web, tornou-se relato contínuo e ininterrupto, nas coberturas jornalísticas 24x7... (Palacios, 2014, p.91)

Se o noticiário é, em si mesmo, a memória incorporada num suporte, seja qual for, então ela não pode ser uma característica definidora do ciberjornalismo, nem mesmo do jornalismo de maneira geral.

A característica diferencial do ciberjornalismo em relação a outros tipos de jornalismo, corretamente identificada por Palacios, é a possibilidade de armazenar indefinidamente toda a informação produzida e a tornar acessível imediatamente, a partir de qualquer dispositivo conectado à Internet. Se o jornal de ontem servia para embrulhar peixe e suas notícias, com o tempo, só podiam ser encontradas em arquivos institucionais, hoje toda informação publicada na Internet pode ser considerada, até mesmo contra a vontade de seu autor, perene. Portanto, perenidade parece ser um termo adequado para remeter à disponibilidade cumulativa de material noticioso ou informação de interesse jornalístico no ciberespaço desprovido de limites espaço-temporais.

3. Repensando as rupturas, continuidades e potencializações

Em seu artigo, Palacios (2003, p.24) identifica como principal ruptura do ciberjornalismo a ausência de limites de espaço, avaliação que permanece verdadeira não só para a produção de notícias, mas para todo tipo

⁷ E apaziguando os afligidos pelo Transtorno-Obsessivo Compulsivo!

de manifestação humana em texto, imagem ou som. Estima-se que em 2015 a quantidade de informação armazenada na Internet tenha chegado a 1 zettabyte, o equivalente a 36 mil anos de vídeo em alta definição⁸. Devido à ampliação constante da capacidade de armazenagem de discos rígidos e da largura de banda das conexões à Internet, acompanhadas de redução de custos, o valor monetário para se publicar uma notícia a mais num portal jornalístico e a manter disponível indefinidamente é uma fração microscópica de um centavo de real e tende sempre para o zero.

Esta ruptura se mostrou tão larga que forçou até mesmo a revisão de teorias clássicas do jornalismo, como a do gatekeeper (Bruns, 2005), pois, sem qualquer limitação na instância suporte, deixa de ser necessário selecionar quais notícias serão publicadas e quais serão descartadas. Uma vez que um texto, vídeo, áudio ou peça gráfica esteja disponível, não existe motivo econômico para deixar de a divulgar. Isso não significa, é claro, que todos os fatos sociais vão ser retirados da obscuridade pelas redações, porque as pautas seguem exigindo o investimento de horas de trabalho e eventuais custos de apuração, como deslocamentos e diárias. O principal fator condicionante da extensão da cobertura noticiosa é, hoje, a força de trabalho disponível, não mais os limites espaço-temporais do suporte e da logística de distribuição.

Com a vantagem de mais de 15 anos de desenvolvimento tecnológico e avanço da pesquisa no campo do jornalismo em relação ao texto sob análise neste artigo, seria possível argumentar em favor de uma segunda ruptura, que não foi discutida por Palacios (2003): a arquitetura horizontal, todos-todos da Internet, que permite interação bidirecional entre a mídia e seu público através do mesmo suporte, não tem precedentes na história do jornalismo. Conforme Anderson, Bell e Shirky (2013), a comunicação em redes digitais eliminou o monopólio da mídia sobre a mediação e vem causando profundas mudanças na economia, rotinas produtivas e circulação das notícias, afetando os profissionais, as instituições e o contexto social no qual se dá o jornalismo.

As primeiras plataformas de redes sociais na Internet a ganharem popularidade, Orkut e Facebook, foram abertas aos usuários apenas em 2004, um ano após a publicação do livro no qual o texto ora em discussão circulou. A elas se seguiram serviços como Twitter, YouTube e Instagram, as quais vêm concentrando uma parcela cada vez maior da atenção dos leitores nas redes digitais (Wu, 2017). Tais plataformas transformaram a interação mediada por computador em sua razão de ser, introduzindo uma multiplicidade de funcionalidades para além da comunicação direta por correio eletrônico ou caixas de comentários em ciberjornais. A possibilidade de se “curtir”, “compartilhar”, “retuitar” ou “favoritar” publicações nessas redes sociais significou, por um lado, uma potencialização da circulação jornalística (Zago, 2012) em relação à capacidade de disseminação de notícias por correio eletrônico ou weblogs. Por outro lado, também foi potencializada a produção de conteúdo pelos próprios consumidores, a ponto das plataformas de redes sociais se tornarem competidoras da imprensa e causarem uma crise econômica na indústria do jornalismo (Bell e Owen, 2017).

Assim, a interatividade, enquanto característica do ecossistema das redes e, portanto, dos ciberjornais, parece ter se afastado de forma dramática em relação à sua manifestação noutras mídias e suportes, a ponto de se apresentar, hoje, não apenas como uma potencialização, mas como uma segunda ruptura do jornalismo digital.

Finalmente, diversas características do ciberjornalismo parecem vir sendo potencializadas pela ubiquidade, a qual tem como marco histórico o lançamento dos primeiros smartphones no início da década de 2010. As possibilidades de interação se multiplicam quando os cidadãos podem acessar e reagir às notícias via redes sociais a qualquer momento do dia, em qualquer lugar; smartphones e tablets conectados às redes 3G, 4G e, em breve, 5G, permitem a repórteres enviar fotos e vídeos em alta qualidade em tempo real para as redações, potencializando a multimídia e a instantaneidade; a geolocalização permite aos ciberjornais oferecer ao público informação

⁸ Disponível em: <https://www.theguardian.com/technology/blog/2011/jun/29/zettabyte-data-internet-cisco>. Acesso: 16/9/2017.

contextual a partir de arquivos, fomentando a personalização e fazendo bom uso da perenidade; funcionalidades como a realidade aumentada aprofundam as experiências de adaptabilidade. Análises futuras podem mostrar que essas potencializações se acentuaram a ponto de revelar, na ubiquidade, mais uma ruptura.

Considerações finais

Ruptura, continuidade e potencialização no jornalismo online: o lugar da memória permanece como um das principais referências sobre ciberjornalismo em línguas ibéricas. Lamentavelmente, os pesquisadores falantes de línguas anglo-saxãs e, mesmo, de outras línguas latinas, não têm o hábito de ler em português ou castelhano – e tampouco de levar a sério os acadêmicos latinoamericanos –, de modo que o texto de Marcos Palacios discutido acima deixou de ganhar a relevância global que mereceria por sua qualidade.

O presente artigo buscou oferecer uma contribuição às ideias apresentadas por Palacios em 2003, através da atualização e revisão de alguns de seus aspectos, no intuito de fomentar o embasamento do debate sobre as características do ciberjornalismo sobre os fundamentos construídos anteriormente e com isso evitar a repetição de ideias já assentadas como novidades. Em especial, foi proposta uma nova nomenclatura para as sete características do ciberjornalismo, que poderiam vir a ser denominadas hipertextualidade, multimídia, adaptabilidade, instantaneidade, perenidade, interatividade e ubiquidade. Além disso, se argumentou em favor de considerar a interatividade não apenas uma potencialização, mas também uma ruptura, junto com a perenidade.

Finalmente, cabe lembrar que se trata de um artigo ensaístico, embasado em revisão bibliográfica e na experiência do próprio autor, mas cujo propósito era incentivar a atividade pouco comum, porém de grande importância acadêmica, de visitar referências fundamentais. Além disso, se pretendeu de certa forma agradecer ao pesquisador Marcos Palacios por suas contribuições à pesquisa em ciberjornalismo no Brasil e na Pensínsula Ibérica, de maneira que, espera-se, possa vir a ser apreciada pelo emérito professor e por outros colegas.

Referências

- ANDERSON, C. W., BELL, E., & SHIRKY, C. (2013). Jornalismo pós-industrial: adaptação aos novos tempos. *Revista de Jornalismo ESPM*, 5(3), 30-89.
- BACHELARD, G. (1996). *A formação do espírito científico*. Rio de Janeiro: Contraponto.
- BARBOSA, S. (2013). Jornalismo convergente e continuum multimídia na quinta geração do jornalismo nas redes digitais. In *Notícias e mobilidade: o jornalismo na era dos dispositivos móveis*. Covilhã: Livros Labcom, 33-54.
- BELL, E., & OWEN, T. (2017). A imprensa nas plataformas. *Revista de Jornalismo ESPM*, 6(20), 48-83.
- BOLTER, J. D., GRUSIN, R., & GRUSIN, R. A. (2000). *Remediation: Understanding new media*. Cambridge: MIT Press.
- BRUNS, A. (2005). *Gatewatching: Collaborative online news production*. Nova York: Peter Lang.
- CANAVILHAS, J. (2003). Webjornalismo: considerações gerais sobre jornalismo na web. In *Informação e comunicação online: jornalismo online*. Covilhã: Editora UBI.
- CANAVILHAS, J. (2014). *Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença*. Covilhã: Livros Labcom.
- DEUZE, M., & BARDOEL, J. (2001). Network journalism: Converging competences of media professionals and professionalism. *Australian Journalism Review*, 23(2), 91-103.
- EMPINOTTI, M. (2017). Tactilidade, nivelabilidade, opticabilidade, localibilidade: funcionalidades do Jornalismo Móvel nos aplicativos El Pais VR, Folha 360 e Museu do Ontem. In *IX Congresso Internacional de Ciberperiodismo: Innovación y emprendimiento al servicio de las audiencias*, 337-359.

FOUCAULT, M. (2008). *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

JENKINS, H. (2008). *Cultura da convergência: a colisão entre os velhos e novos meios de comunicação*. São Paulo: Aleph.

LÉVY, P. (1999). *Cibercultura*. São Paulo: 34.

KARCZMARCZYK, P. (2013). La ruptura epistemológica, de Bachelard a Balibar y Pêcheux. *Estudios de epistemología (IO)*, 9-33.

MACHADO, E. (2003) O ciberespaço como fonte para os jornalistas. In *Biblioteca Online de Ciências da Comunicação*.

PALACIOS, M. (2003). Ruptura, continuidade e potencialização no jornalismo online: o lugar da memória. In *Modelos do Jornalismo Digital*. Salvador: Calandra.

PALACIOS, M. (2005). *Natura non facit saltum: promessas, alcances e limites no desenvolvimento do jornalismo on-line e da hiperficação*. *E-Compós*, 2, 2005.

PALACIOS, M. (2014). Memória: jornalismo, memória e história na era digital. In *Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença*. Covilhã: Livros Labcom.

PALACIOS, M. S., & CUNHA, R. (2012). A taticidade em dispositivos móveis: primeiras reflexões e ensaio de tipologias. *Contemporânea*, 10(3), 668-685.

PAVLIK, J. (2014) Ubiquidade: o 7º princípio do jornalismo na era digital. In *Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença*. Covilhã: Livros Labcom.

RÜDIGER, F. (2011). *As teorias da cibercultura: perspectivas, questões e autores*. Porto Alegre: Sulina.

SILVA, F. F. (2015). *Jornalismo móvel*. Salvador: EDUFBA.

THURMAN, N. (2011) Making “The Daily Me”: Technology, economics and habit in the mainstream assimilation of personalized news. *Journalism*, 12(4), 395-415.

WOLTON, D. (2012). *Internet, e depois? Uma teoria crítica das novas mídias*. Porto Alegre: Sulina.

WU, T. (2017). *The attention merchants: the epic scramble to get inside our heads*. Nova York: Vintage Books.

ZAGO, G. DA S. (2012). Circulação jornalística potencializada: o Twitter como espaço para filtro e comentário de notícias por interagentes. *Comunicação & Sociedade*, 34(1), 249-271.

ZEMEL, T. (2012). *Web Design Responsivo*. Casa do Código.

Produção bibliográfica recente do autor

TRÄSEL, M., LISBOA, S., VINCIPROVA, G. R. (2019). Pós-verdade e confiança no jornalismo: uma análise de indicadores de credibilidade em veículos brasileiros. *Brazilian Journalism Research*, 15(2). No prelo.

TRÄSEL, M. (2018). Hacks and hackers: the ethos and beliefs of a group of Data-Driven Journalism professionals in Brazil. *Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia*, 25(1), 1-14.

TRÄSEL, M. (2018). A eficácia da checagem de fatos no combate à desinformação. *Cadernos Adenauer*, 19, 69-87.

TRÄSEL, M. (2018). Jornalismo ambiental em bases de dados. In *Jornalismo ambiental: teoria e prática*. Porto Alegre: Metamorfose, 159-173.

MIELNICZUK, L. P., & TRASEL, M. R. (2017). Jornalismo guiado por dados como inovação profissional e seus desafios para a educação. *Contemporânea: comunicação e cultura*, 15(2), 609-629.